

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE FILOSOFIA

GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

THALES PERENTE DE BARROS

UMA BREVE EXPOSIÇÃO SOBRE

FILOSOFIA DA LINGUAGEM EM EPICURO

Uberlândia

2023

THALES PERENTE DE BARROS

UMA BREVE EXPOSIÇÃO SOBRE

A FILOSOFIA DA LINGUAGEM EM ÉPICURO

TCC submetido ao Programa de Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia – IFILO/UFU, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharelado em Filosofia. Integrantes da Banca examinadora:

Prof. Dr. Anselmo Tadeu Ferreira (orientador) – Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Prof. Dr. Marcos César Seneda – Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

UBERLÂNDIA

2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meus pais que sempre me apoiaram de todas as formas. Agradeço a Juliana Assunção, minha companheira, pelo apoio cotidiano e pela parceria durante todo o meu trajeto de estudos que perpassa este trabalho. Também agradeço ao professor e amigo, Daniel Padilha Pacheco da Costa, pelo apoio desde que me iniciei nesta linha de estudos e ao professor João Bortolanza que em muito contribuiu para minha formação.

Também devo minha gratidão a meu orientador e à banca, ao professor Marcos Seneda, professores esses cujas participações me possibilitaram ingressar nesse projeto e, no processo de finalização deste, corrigi-lo adequadamente.

Ademais, agradeço àqueles que fizeram parte de meu processo de formação, secretários e professores, que fazem parte do corpo de trabalhadores da Universidade Federal de Uberlândia, tanto àqueles do Instituto de Letras, quanto aos profissionais do Instituto de Filosofia. Também agradeço aos demais profissionais da universidade, que garantem a organização e funcionamento dela como um todo. Em especial, agradeço aos secretários da graduação do curso de filosofia da UFU, Érickson de Oliveira Dias e Ciro Amaro Fernandes Nascimento, e à secretária da pós-graduação do curso também de filosofia da UFU, Andréa Antônia de Castro Rodrigues, que sem a menor dúvida fizeram da minha vida bem mais fácil durante todo esse período em contato com a Coordenação do Curso de Filosofia da UFU.

Que o ensino público e gratuito, juntamente com a pesquisa brasileira, seja cada vez mais valorizado e só se expanda, em acessibilidade para a população e no contato e participação com a cidade e a na vida dos cidadãos brasileiros e cidadãs brasileiras!

RESUMO

Diversas críticas foram tecidas sobre o tipo de escrita e o estilo da escrita dos epicuristas, assim como diversas críticas foram vociferadas por diversos autores aos mais variados aspectos das obras dos seguidores dessa linha filosófica, com Epicuro sempre no centro desses ataques. Contudo, sobre a linguagem dos epicuristas, o discurso dos detratores é bem superficial, criticando a falta de rebuscamento, uma simpleza de estilo e o fato de se expressarem por uma linguagem comum. Este trabalho é um esforço para conectar distintos aspectos da filosofia da linguagem do filósofo com o intuito de destacarmos sua visão sobre o tema de maneira abrangente. Aqui é feito um esforço interpretativo em uma tentativa de correlacionar ideias e noções do filósofo para nossa principal tarefa de expor os fundamentos do pensamento do autor acerca da linguagem. São analisados diferentes excertos com foco nos escritos do próprio Epicuro. Para este estudo são utilizados do autor os escritos *Carta a Heródoto* e o livro 28 da obra *Sobre a Natureza*.

Palavras-chave: Epicuro, Linguagem, Epistemologia.

ABSTRACT

Many critiques were made on the writing choices and writing style of the Epicureans, just as various attacks were voiced by different authors regarding the most varied topics in the works of the followers of this line of thought, with Epicurus always at the center of these attacks. However, regarding the language of the Epicureans, the sayings of his detractors were always very weak in arguments, either criticizing the lack of refinement, their simple writing style or the fact that they express themselves through common language. This work is an effort to connect different aspects of the philosopher's work on language in order to have a broad view into his perspective on the topic. Here an interpretive effort is made in an attempt to connect his ideas and notions to achieve our main task of bringing to light the foundations of the author's thought about language. Different pieces of text are here analyzed, focusing on the writings of Epicurus himself. The author's writings on which we focus this study are his *Letter to Herodotus* and book twenty eight of his work *On Nature*.

Keywords: Epicurus, Language, Epistemology.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

SOBRE A IMPORTÂNCIA DO PROJETO E SEUS OBJETIVOS.....	07
--	----

CAPÍTULO 1: SOBRE A ORIGEM DA LINGUAGEM

1.0 CONTEXTO GERAL DA TEMÁTICA DA ORIGEM DA LINGUAGEM.....	09
1.1 UMA ANÁLISE DE EPICURO SOBRE A ORIGEM DA LINGUAGEM.....	12
1.2 A ORIGEM DA LINGUAGEM, PROBLEMÁTICAS E CONCLUSÕES.....	21

CAPÍTULO 2: LINGUAGEM E EPISTEMOLOGIA

2. O TESTE DA LINGUAGEM PELA EXPERIÊNCIA.....	27
---	----

CONCLUSÃO

A CONSTRUÇÃO DA LINGUAGEM EPICURISTA.....	39
---	----

BIBLIOGRAFIA

1. AUTORES ANTIGOS.....	43
2. CATÁLOGOS, DICIONÁRIOS E PROSOPOGRAFIAS.....	43
3. REFERÊNCIA BIBLIOGRAFICA.....	43

INTRODUÇÃO

Este trabalho surgiu de uma questão a respeito do uso da linguagem por Epicuro e seus seguidores. Diversas críticas foram tecidas sobre o tipo de escrita e o estilo de escrita dos epicuristas, assim como diversas críticas foram vociferadas por diversos autores aos mais variados aspectos das obras dos seguidores dessa linha filosófica, com Epicuro sempre no centro desses ataques. Contudo, sobre a linguagem dos epicuristas, o discurso dos detratores é bem superficial, criticando a falta de rebuscamento, uma simpleza de estilo e o fato de se expressarem por uma linguagem comum. Aqui, intentamos compreender de maneira mais ampla a escrita e a linguagem epicurista, pelas teorias sobre o tema desenvolvidas pelo mestre, Epicuro.

Para alcançarmos nossos objetivos, seguiremos o cerne da argumentação do autor sobre a linguagem, perpassando alguns dos principais escritos do mesmo sobre o tópico. Por um esforço interpretativo e uma tentativa de correlacionar ideias e noções do filósofo nossa principal tarefa é expor os fundamentos de seu pensamento acerca da linguagem. Este trabalho busca, por fim, conectar distintos aspectos da filosofia da linguagem do autor para nos familiarizarmos com sua perspectiva sobre o tema de maneira abrangente, para que possamos, então, melhor compreender o uso da linguagem pelos epicuristas.

Serão analisados diferentes excertos, com foco nos escritos do próprio Epicuro. Assim, os materiais utilizados para o estudo serão principalmente a *Carta a Heródoto* e a obra do autor *Sobre a Natureza*, particularmente o livro 28. Para este estudo, o texto grego nos é de grande valia, contudo limitamos o uso da língua original do discurso em nossas análises para apenas quando considerados os escritos nas palavras do próprio filósofo. Para quaisquer citações da obra *Sobre a Natureza*, por se tratar de um texto com trechos faltantes e alguns

problemas na escrita dos originais, optamos por não adicionar ao trabalho senão a tradução do intérprete que utilizamos.

1- SOBRE A ORIGEM DA LINGUAGEM:

1.0 - CONTEXTO GERAL DA TEMÁTICA DA ORIGEM DA LINGUAGEM

No desenvolvimento da teoria da linguagem na filosofia de Epicuro, pode-se encontrar, dentre as temáticas atinentes à filosofia da linguagem, escritos em que o autor expõe a sobre o tópico da origem da linguagem humana. As linhas em questão trazem luz a uma importante temática da antiguidade, mas que é também presente nas reflexões sobre a linguagem na modernidade e na filosofia dita contemporânea. E, para além da relevância do assunto por si só dado esse amplo contexto de debate, do desenvolvimento da teoria do autor a respeito do referido assunto podemos notar suas repercussões se estendendo para o conjunto da filosofia de Epicuro como um todo.

Embora o posicionamento do filósofo traga, sim, novos ares para o debate antigo, como veremos a seguir, acreditamos que as reflexões do autor sobre a origem da linguagem são não só consentâneos com todo o resto de sua filosofia da linguagem, como também explicam o tratamento da linguagem escolhido e defendido pelo autor para se fazer filosofia. De acordo com o percurso e os objetivos do presente texto, o desenvolvimento a respeito do assunto da origem, tal como defendido pela teoria do autor, se faz extremamente coeso com o uso da linguagem escolhida pelo autor para se fazer filosofia, além de vir também justificar a defesa desse uso de maneira extremamente bem elaborada, como esperamos poder-se fazer notar ao fim da leitura desse trabalho.

O tema da origem da linguagem na antiguidade grega, e até certas variações nas perspectivas a respeito desse mesmo tema, se encontra presente em fontes ainda anteriores ao que nos alcançou documentalmente vindo diretamente dos textos dos filósofos gregos. Já em Sófocles e Eurípedes o tema se faz presente (VERLINSKY, p.58), o que nos serve de um primeiro indício de que eram de alguma forma fecundas as discussões referentes à temática já em um período anterior à época de Platão. Primeiramente, já em Sófocles, na *Antígona*, temos

uma fala sobre a linguagem por parte do coro da peça, mencionando os sons articulados dos seres humanos, distinção em relação aos sons inarticulados dos animais, e apontando ainda para o processo de aprendizado envolvido no percurso de aquisição dela. O coro, por sua vez, representa ao menos parte do entendimento e das crenças populares no contexto da peça, por tanto de certos discursos correntes da época.

Em Eurípedes, em *As Suplicantes*, já podemos encontrar, em uma fala de Teseu, ainda mais específica descrição relacionada à capacidade de entendimento e diferenciação dos sons¹ como fatos próprios do surgimento da linguagem. O personagem, Teseu, na peça em questão, possui, para além de um amplo conjunto de virtudes, um grande domínio sobre a linguagem (SHAW, p.18-19). Assim sendo, a fala do personagem no contexto da peça, tendo-se em vista o que o personagem aí representa, não almejaria demonstrar menos do que certo conhecimento e entendimento a respeito da linguagem e, por conseguinte, de sua origem e suas propriedades essenciais. Dessa maneira, sua fala apresentaria pontos reconhecidamente importantes do debate de então, tais como: a articulação, a capacidade física pelos órgãos próprios da fala, assim como as capacidades de compreensão e distinção de sons.

Seguindo a linha da História, Platão também apresenta a discussão de acordo com a teoria de Protágoras no diálogo de mesmo nome. Esse é, então, um exemplo concreto do tema em questão sendo examinado sob a ótica da teoria por entre os círculos filosóficos da Grécia antiga. Em *Protágoras*, a teoria atribuída ao dito sofista discorre sobre a origem da linguagem estar em sons animais emitidos pelos seres humanos primevos, eles que, posteriormente, relacionariam os sons emitidos às coisas. A atribuição da teoria a Protágoras apontaria para a discussão elaborada por ele que, embora seja contemporâneo de Sócrates, é ainda mais velho

¹“[...]αἰνῶ δ’ ὃς ἡμῖν βίον ἐκ πεφυρμένου/καὶ θηριώδους θεῶν διεσταθμήσατο./πρῶτον μὲν ἐνθεὶς σύνεσιν, εἶτ’ αὖ δ’ ἄγγελον/γλῶσσαν λόγων δούς, ὥστε γινώσκειν ὅπα” (*Supliants*, 201-204) I praise the god who created an ordered life out of a chaotic and brutish one, by endowing us, first, with reason, and by giving us, then, a tongue, a messenger of words, so that we are able to distinguish sounds (VERLINSKY, p.58).

que o protagonista dos diálogos de Platão, o que reafirmaria a ideia de que o tema era debatido já bem antes do filósofo, pai da Academia.

Platão também desenvolve a temática e a expõe na forma de um de seus diálogos que perpassa um embate entre as teorias a respeito da origem da linguagem. Em seu diálogo, *Crátilo*, as duas posições antitéticas sobre tal origem são apresentadas, essas sendo a hipótese *convencionalista* e a *naturalista*. Pela figura de Hermógenes é apresentada a posição *convencionalista*, ecoando a posição já citada de Protágoras no tocante ao assunto. Sustentando a outra posição, a *naturalista*, há Crátilo, cujo posicionamento representaria e espelharia aquele de Heráclito, o que poderá ser percebido ao vermos a sucinta definição a respeito da linguagem a ser aqui apresentada, pela relação intrínseca com a famosa posição mantida pelo filósofo sobre o conhecimento.

De acordo com a hipótese defendida por aqueles que sustentam a primeira posição, os *convencionalistas*, grosso modo, a língua é criada por convenção, ou seja, que, como que por um acordo entre os falantes, as coisas são assim nomeadas por convenção. Essa posição pressuporia que a nomeação é feita de maneira arbitrária, cada discurso, assim, sendo igualmente verdadeiro a partir de seu locutor (HOLANDA, p.159), em congruência com o restante do pensamento de Protágoras². Já de acordo com o segundo grupo, os *naturalistas*, para cada povo a nomeação no interior de cada língua surgiria a partir de uma relação essencial, por vias da manifestação própria do conhecimento da coisa (HOLANDA, p.162). A nomeação nesse segundo caso seria dada de maneira natural em uma relação do conhecer, a palavra seguindo, então, o próprio fluxo do conhecer heraclitiano³.

Para que seja incluída alguma variação entre as duas posições mantidas e por essa se tratar da teoria do filósofo de maior renome em um período logo anterior ao de Epicuro,

² Mais sobre a relação entre Protágoras e a posição de Crátilo no interior do diálogo homônimo, ver HOLANDA, p.158-159.

³ Mais sobre a relação entre Heráclito e a posição de Hermógenes no interior do *Crátilo*, ver HOLANDA, p.159-161.

adicionamos aqui, também de forma breve, a tese aristotélica acerca do tema. Primeiramente, a teoria que o filósofo assume em seu livro *Sobre a Interpretação* é fundamentalmente *convencionalista*⁴. Para o filósofo, o desencontro factual entre o convergente conjunto dos afetos e percepções, iguais por natureza dentre os seres humanos por serem semelhantes as capacidades dentre eles, e as divergentes línguas, diversas entre si por entre os diversos grupos humanos, nos leva a concluir que as línguas têm na nomeação das coisas um ato arbitrário por parte de seus falantes. Ao mesmo tempo, Aristóteles admite que os sons inarticulados de animais significam algo e podem garantir algum tipo de comunicação. Contudo ele afirma que a partir desse tipo de significação não é possível o ato de nomeação⁵.

Essa primeira introdução à temática da origem da linguagem serve a nosso entendimento das duas teorias admitidas por aqueles que compunham esses dois diferentes grupos, dentre a polarização que se fazia a respeito do tema. Também, como se buscou fazer notar a partir da sucinta apresentação do pensamento de Aristóteles a respeito do assunto, essa apresentação inicial da temática já aponta para certas nuances na avaliação da problemática por alguns, nuances essas que acabam por compor algumas das hipóteses, possibilitando reflexões mais complexa e que se aproveitam de considerações advindas de ambas as posições.

1.1 – UMA ANÁLISE DE EPICURO SOBRE A ORIGEM DA LINGUAGEM

Feita essa introdução, sigamos para uma breve apresentação do contexto específico em relação ao qual Epicuro elaborara a teoria a que se refere o primeiro excerto que aqui analisaremos como parte deste trabalho de estudo de sua filosofia da linguagem. Na época da elaboração da referida teoria de Epicuro, uma escola filosófica se dividia entre as duas

⁴ O tema também é desenvolvido pelo autor no *De anima* e na *Politica*.

⁵ *De Interpretatione*, 16a 25.

posições apresentadas. Os dialéticos Megáricos tinham representantes das duas posições em sua escola: Filo, o dialético, e Stilpo defendiam as teorias *convencionalista* e *naturalista*, respectivamente. O Megárico, Filo, defendia a hipótese de Diodóro Crono, uma vez que o primeiro tenha se seguindo a este como representante da escola após sua morte (SEDLEY, 1973, p.63). A teoria *convencionalista* defendida por Diodóro afirmava com veemência a arbitrariedade no exercício de nomeação das coisas, chegando ao extremo de criar exemplos vivos como argumentos a favor de sua posição e nomear, ele próprio, seus escravos arbitrariamente para provar seu ponto (SEDLEY, 1973, p.63). No outro extremo, Stilpo defendia que o nome haveria de carregar consigo uma ideia dotada do predicado essencial da própria coisa. Para certa coisa nomeada, apenas seu nome natural possuiria sua identidade (SEDLEY, 1973, p.21).

Feita a contextualização do momento de desenvolvimento da teoria do autor que aqui realmente nos importa, a fonte donde esse primeiro trecho que analisaremos foi retirado é a obra de Diógenes Laercio, *A vida dos filósofos*. Essa é parte dos escritos do próprio filósofo, Epicuro, mais especificamente de uma apresentação resumida feita pelo autor acerca do tópico da física de acordo com sua filosofia, a chamada *Carta a Heródoto*:

Devemos imaginar que a Natureza foi instruída e constrangida pelos próprios acontecimentos, recebendo deles muitas e diversas lições, mas que o raciocínio, num estágio posterior, aprimorou as coisas que foram obtidas daquela, acrescentando-lhes novas descobertas, mais rapidamente em alguns casos, mais lentamente em outros [...].

Daí os nomes originalmente não surgirem de uma convenção. São as próprias naturezas dos homens, a cada tribo, que, experimentando afecções particulares e recebendo imagens particulares, expellem o ar, imprimindo-lhe uma configuração particular, sob o efeito de cada um dessas afecções e imagens, conforme a diferença que também pode surgir entre diferentes povos em função dos locais onde vivem. Mas, posteriormente, cada povo estabeleceu em comum os nomes particulares, para que suas comunicações pudessem vir a ser menos ambíguas entre si e expressas de forma mais breve.”⁶ (D.L.X.75-76)⁷

⁶ A tradução que utilizamos tem por base aquela de Brunschwig em seu artigo sobre o tema, em que o mesmo faz sua própria análise do trecho, com algumas poucas alterações terminológicas. O que justifica nosso uso dessa tradução, presente apenas nesse pequeno artigo, é o cuidado do autor com a mesma, sendo essa feita justamente mediante uma análise cuidadosa de certos termos relevantes também aqui para nosso trabalho, se acomodando mais proximamente à nossa interpretação.

Muito há para se debater sobre interpretação em diversos pontos desse excerto, embora as próprias escolhas de tradução já resolvam, ou ao menos direcionem para um conjunto de posições, parte dos problemas. Além do mais, não é nosso objetivo problematizar todas as questões envolvidas na interpretação dele. Para a interpretação desse excerto, defendemos que uma boa estratégia, para que se faça sua leitura e entendimento, seja pôr sob exame a forma de organização das ideias e de estruturação do texto utilizada pelo próprio autor.

A estratégia de leitura e interpretação a ser utilizada não parte da proposta de uma análise gramatical feita período a período, ferramenta de análise essa empregada por Brunschwig (p.23), mas da proposta de um estudo sobre a organização de ideias entre os períodos e da forma de composição dos argumentos. Pensamos que investigar o excerto pelo encadeamento de argumentos e por suas articulações lógicas pode responder a diversas questões levantadas pelos intérpretes. Partamos, então, de uma análise da clara relação entre os dois parágrafos, que estão postos em sequência nos escritos de Epicuro.

Entre os dois parágrafos, especificamente no início do segundo, temos um conectivo que foi traduzido como ‘daí’, que buscava replicar o sentido do advérbio relativo de lugar, ‘οθεν’. O conectivo em questão vem a localizar no parágrafo anterior a situação de ocorrência que será exposta pelo filósofo no parágrafo que se segue, e mostra que as duas partes se conectam para a criação do argumento. Também percebemos claramente que cada um dos parágrafos se divide em dois momentos distintos na apresentação do filósofo, sobre o foco

⁷“Ἄλλὰ μὴν ὑποληπτέον καὶ τὴν φύσιν πολλὰ καὶ παντοῖα ὑπὸ αὐτῶν τῶν πραγμάτων διδαχθῆναί τε καὶ ἀναγκασθῆναι· τὸν δὲ λογισμὸν τὰ ὑπὸ ταύτης παρεγγυηθέντα ὕστερον ἐπακριβοῦν καὶ προσεξευρίσκειν ἐν μὲν τισὶ θάττον, ἐν δὲ τισὶ βραδύτερον καὶ ἐν μὲν τισὶ περιόδοις καὶ χρόνοις <μείζους λαμβάνειν ἐπιδόσεις>,[*] ἐν δὲ τισὶ καὶ ἐλάττους.

Ὅθεν καὶ τὰ ὀνόματα ἐξ ἀρχῆς μὴ θέσει γενέσθαι, ἀλλ’ αὐτὰς τὰς φύσεις τῶν ἀνθρώπων καθ’ ἕκαστα ἔθνη ἴδια πάσχουσας πάθη καὶ ἴδια λαμβανούσας φαντάσματα ἰδίως τὸν ἀέρα ἐκπέμπειν στελλόμενον ὑφ’ ἑκάστων τῶν πᾶσων καὶ τῶν φαντασμάτων, ὡς ἂν ποτε καὶ ἡ παρὰ τοὺς τόπους τῶν ἔθνῶν διαφορά ἦ[*]· ὕστερον δὲ κοινῶς καθ’ ἕκαστα ἔθνη τὰ ἴδια τεθῆναι πρὸς τὸ τὰς δηλώσεις ἦττον ἀμφιβόλους γενέσθαι ἀλλήλοις καὶ συντομωτέρως δηλομένους.” (D.L.X.75-76)

temático de cada um dos respectivos parágrafos, como iremos demonstrar. Faremos, então, uma análise a partir da relação entre cada um dos trechos desses dois parágrafos em busca da forma de o autor organizar suas ideias, para sua exposição, conexão e encadeamento dos argumentos.

Começemos pondo a exame a relação entre o primeiro trecho do primeiro parágrafo, que trata do primeiro dentre os dois momentos que nele podemos encontrar, e o primeiro trecho do segundo parágrafo, que trata do primeiro ponto que nesse, por sua vez, encontramos. As duas passagens a que nos referiremos, especificamente, são: “Devemos imaginar que a *Natureza* foi instruída e constringida pelos próprios acontecimentos, recebendo deles muitas e diversas lições [...]” (D.L.X.75) e “Daí os nomes originalmente não surgirem de uma convenção. São as próprias *naturezas dos homens*, em cada povo, que, experimentando afetos particulares e recebendo imagens particulares, expõem o ar [...]” (D.L.X.75).

Reorganizando as ideias do texto da maneira que propusemos, podemos agora vir a pensar a relação entre esses dois fragmentos. Sobre o tema central, temos, no primeiro trecho, o termo *Natureza*, enquanto que o termo essencial para a argumentação na segunda parte é a “*natureza dos homens*”, que visivelmente se refere ao termo do primeiro trecho citado, como uma parte daquele conjunto maior que o engloba. Saímos de uma análise a respeito da *Natureza* para uma análise da *natureza humana*. Enquanto parte do todo, a segunda noção é apresentada como carregando as propriedades da primeira. A relação pode ser percebida mais precisamente ao se examinar as duas ideias e a interação entre as duas assertivas.

Temos de um lado a definição de que uma *Natureza* (*φύσιν*) é instruída por ela mesma, pelos próprios “acontecimentos”, ou pela própria *Natureza* (*διδασκῆναι αὐτῶν τῶν πραγμάτων*) e recebe deles muitas e diversas lições (*πολλὰ καὶ παντοῖα*). De outro lado, temos a afirmação de a própria *natureza humana* (*αὐτὰς τὰς φύσεις τῶν ἀνθρώπων*)

experimental, ou ser afetada (πασχούσας), e, então, produzir sons (τὸν ἀέρα ἐκπέμπειν). A nosso ver, os argumentos são encadeados pelo filósofo como qualquer cadeia lógico-argumentativa.

Aí, pode-se ver a repetição do termo ‘natureza’, sendo reduzido do termo geral, ‘Natureza’ (φύσιν), para o termo específico, ‘natureza humana’ (φύσεις τῶν ἀνθρώπων). Além do mais, pode-se também observar a repetição, na forma de sinonímia dado o contexto em que as palavras são usadas, entre os termos traduzidos por ‘acontecimentos’ (τῶν πραγμάτων) e ‘experimentação’ (πασχούσας), relativos a seus respectivos sujeitos. ‘Acontecimentos’ foi o termo escolhido para o que seria a “vivência prática”, o “transcorrido” pela *Natureza*, enquanto do outro lado temos o termos ‘experimentação’, relativo à *natureza humana*. O que apontaremos, ora da equivalência ou aproximação de termos ou ideias, ora da repetição dos mesmos termos, é para indicar a intencionalidade do autor para constituir o que percebemos como simetria entre seus argumentos.

Por fim, de um lado, a *Natureza* recebe “muitas e diversas lições” (πολλὰ καὶ παντοῖα), de outro a natureza dos homens passa a “produzir sons” (τὸν ἀέρα ἐκπέμπειν). O primeiro dos dois recortes compreende o segundo pela ordem dos argumentos e pela simetria que apontamos logo há pouco. O primeiro serve então como definição abrangente, “muitas e diversas lições”, de maneira a justificar e explicar essa parte do segundo argumento, “produzir sons”, já antecipadamente. Ou seja, a *Natureza*, a exemplo da *natureza humana*, aprende “muitas e diversas lições”, tais como a “produzir de sons”, lição fruto do aprendizado referente à *natureza humana*.

O que se entende do argumento que vimos na primeira das duas passagens é que os processos naturais se fariam na forma de um redobramento da *Natura* sobre si mesma em que ela implicaria a si própria. A transformação da *Natureza* se daria em um processo de auto

implicação⁸ (BRUNSCHWIG, p.25). Essa interpretação faz desse trecho, por si mesmo, ainda mais relevante do que seria, considerando-se apenas o contexto do debate da linguagem aqui proposto. Uma vez que o filósofo aponta para um modelo geral de funcionamento, que aqui foi utilizado apenas para falar do surgimento da linguagem, o mesmo modelo pode ser aplicado a diversos pontos da filosofia de Epicuro a partir dessa noção de uma relação dinâmica da *Natureza* como um todo.

Sobre especificamente o tema que aqui nos cabe, por vias do que é declarado pelo autor a respeito do termo geral, *Natureza*, a *natureza humana* também se auto implicaria, possibilitando um aprendizado da *natureza humana* por ela mesma. Continuando a assim ser pensada a organização lógica entre os dois períodos, na primeira sentença do segundo parágrafo temos esse tipo de antecipação da conclusão: “Daí os nomes originalmente não surgirem de uma convenção”. Agora, relacionando diretamente os dois primeiros fragmentos, teríamos enunciado o fato de as palavras surgirem de um aprendizado da *Natureza* por ela mesma (φύσιν [...] ὑπὸ αὐτῶν τῶν πραγμάτων διδαχθῆναι), não de uma convenção como fato originário desse acontecimento (ὀνόματα ἐξ ἀρχῆς μὴ θέσει γενέσθαι).

Distanciamo-nos por um momento do texto e nos voltemos à relação entre o posicionamento de Epicuro nessa primeira exposição do autor sobre a temática da origem da linguagem e o contexto, que envolve a disposição dos conceitos a respeito do tema, da época da elaboração do filósofo. Com base na dualidade de posições anteriormente apresentada, podemos notar que a apreciação do autor frente ao tema, nessa primeira parte, segue uma hipótese *naturalista*. A produção da linguagem se daria, portanto, em congruência com os sentidos internos do ser humano, por uma resposta natural a esses estímulos de mundo. Em outras palavras, a percepção humana como um todo, tomada toda ela como um sentido interno e já como um aspecto da *natureza humana*, definidos no texto como “afecções particulares e

⁸ Para mais detalhes sobre o assunto, ver a interpretação de Bollack e Wismann em *La Lettre d'Epicure* (1971).

imagens particulares”, implica na produção de sons, também parte da natureza do ser humano, dentro de seu conjunto de capacidades por meio dos órgãos que lhe são próprios.

Sigamos, replicando nosso método de análise utilizado agora para a relação entre as segundas partes do primeiro e do segundo parágrafos. Os dois trechos a que nos referiremos agora especificamente são: “[...] mas que o raciocínio, num estágio posterior, aprimorou as coisas que foram obtidas daquela, acrescentando-lhes novas descobertas, mais rapidamente em alguns casos, mais lentamente em outros [...]” (D.L.X.75) e “Mas, posteriormente, cada povo estabeleceu em comum os nomes particulares, para que suas comunicações pudessem vir a ser menos ambíguas entre si e expressas de forma mais breve” (D.L.X.75).

A primeira paridade que podemos logo observar entre os dois períodos é a posterioridade dos fatos descritos, como um encadeamento de acontecimentos que segue cada respectiva enunciação que os precede. Tal sequência em ambos os períodos, traduzidos por ‘posterior’ e ‘posteriormente’ respectivamente, é marcada pela mesma palavra no original ‘ὑστερον’. A maneira com que foram organizadas as ideias, nesse caso pelo uso dos mesmos marcadores lógicos, assinala em cada parágrafo exatamente as respectivas transições entre os argumentos, indicando novamente perfeitamente a simetria entre os períodos.

Primeiramente, no primeiro dos dois excertos, toda a elaboração é feita em torno do termo traduzido por ‘raciocínio’. Em grego, a referida palavra é ‘λογισμὸς’, que, tal como usada por Epicuro, se refere à capacidade de julgar ou deliberar, por outro lado, para o autor essa também é condição para que possamos pensar por *analogias* (SILVA, p.86). No momento, não analisaremos o conceito em relação a esse último sentido, pois o conceito de *analogia* não cabe nessa primeira parte de nosso estudo. No segundo excerto, temos como termo central a palavra traduzida por ‘povo’, ‘ἔθνος’. Epicuro utiliza a palavra em questão para se referir aos grupos humanos em geral, organizados coletivamente.

Nesses dois trechos que examinamos agora em conjunto, são utilizadas, então, as noções citadas, e cada uma é agente reorganizador de cada processo descrito no período que lhe antecedia, aqueles apresentados nos trechos já trabalhados por nós. Explicando melhor, cada um dos termos, ‘*raciocínio*’ e ‘*povo*’, a sua maneira, atua em uma transformação, em um segundo momento decorrido da ordem de acontecimentos que lhe é anterior. Nesses novos processos, o primeiro deles trata de uma reorganização pelo *raciocínio* de um processo, já descrito, da *Natureza*, que, como já especificado, se tratava de um processo que ocorreu por modo de um aprendizado. E o segundo deles trata de uma reorganização por *grupos humanos* de um processo realizado pela *natureza humana*, que também se dava por modo de um tipo de aprendizado.

As ações que articulam os respectivos processos nesse segundo momento são um ‘aprimorar’ (ἐπακριβόω), como um ato cumprido pelo raciocínio, e um ‘estabelecer’, como o ato de reorganização da linguagem feito pelos grupos humanos. Então temos aqui um paralelo entre o raciocínio que aprimora as coisas, em geral, e os grupos humanos que estabelecem a linguagem comum. Novamente, podemos perceber aqui um paralelo. É visível uma especificação no segundo argumento em relação a uma regra geral presente no primeiro argumento. De um lado, um ‘aprimorar’ que atuava sobre um conjunto maior e mais geral daquilo traduzido por ‘coisas’, do outro lado há o ato de ‘estabelecer’ realizado especificamente sobre a linguagem. A linguagem estaria amplamente envolvida, então, como uma dentre um conjunto de coisas que foram aprimoradas, em um processo envolvendo o raciocínio, de modo inclusive a acrescentar-lhe novas descobertas, parte desse processo de raciocínio atuante.

Novamente nos afastemos momentaneamente de nosso exercício de análise, retornando ao contexto dos conceitos que dividiam as opiniões daqueles que debatiam o assunto à época de Epicuro. Podemos perceber nesse segundo momento da descrição feita

pela teoria do autor que as palavras, ou a linguagem como um todo, passam para um segundo momento um tanto distinto do primeiro. No estabelecimento do vocabulário comum, ou da linguagem com fins de comunicação no interior de grupos humanos, a linguagem passa a ter características de convenção.

Contudo, há importantes informações na tese de Epicuro que trazem contrapontos a argumentos populares sobre a origem da linguagem, adicionando posições ao contexto maior do debate. Em primeiro lugar, temos na união dos argumentos da primeira parte que os próprios acontecimentos, ou a experiência, constroem a *Natureza*, ou, mais especificamente, a *natureza humana*, de modo a fazer com que o ar seja expelido por esses seres humanos. Além dessa informação, temos também que esses aprendizados pela *Natureza* se dão pela vivência de *sensações* particulares, que gerariam sons também particulares. Como conclusão principal, teríamos daí que a linguagem primitiva é uma reação instintiva ao ambiente (SEDLEY, 1973, p.18), este que nos provoca experiências sensoriais e também afecções internas⁹.

Temos como consequência dessa relação, entre as afecções particulares e o ambiente, como por meio desse desdobramento da *natureza humana*, sons emitidos corresponderem particularmente a um conjunto de experiência sensorial ou afecções internas (“ἴδια πάσχουσας πάθη καὶ ἴδια λαμβανούσας φαντάσματα ἰδίως τὸν ἀέρα ἐκπέμπειν”). Dessa maneira, por natureza teríamos já ao menos um ponto de distinção entre as diversas línguas, a serem convencionadas em um momento posterior. Distintos ambientes, distintas geografias com suas respectivas ecologias, provocariam distintos estímulos e resultariam na distinção entre os conjuntos de sons, em diferentes línguas para os grupos humanos.

O período referido, portanto, traz um forte argumento contra os *convencionalistas*. A tese contrariaria a afirmação de que seria fato que os estímulos de mundo nos seriam os

⁹ “[...] καθ’ ἕκαστα ἔθνη ἴδια πάσχουσας πάθη καὶ ἴδια λαμβανούσας φαντάσματα [...]” (D.L.X.75)

mesmos e, no entanto, as línguas seriam diferentes, e isso faria uma prova de que a origem da linguagem é por convenção. O argumento já citado como sendo utilizado por Aristóteles para tratar do tema, e que assume justamente essa posição, está aqui refutado. A conclusão é que existem, então, fatores humanos que, embora sejam não universais, não podem ser classificados como não naturais (BRUNSCHWIG, p.28).

Aqui, nesse ponto, alcançamos a reflexão sobre a importante transição entre os sons particulares produzidos por grupos humanos em uma determinada região e as denominações comuns determinadas pelo grupo para uma estruturação formal da língua. Como vimos no segundo parágrafo em sua íntegra, tal como o temos no recorte maior do extrato em sua ordem de escrita por Epicuro, esse conjunto particular de sons de um grupo é transformado em língua comum em um segundo momento. Retornando à nossa reflexão elaborada pela análise dos períodos, o segundo momento seria aquele de uma elaboração conjunta de maneira deliberativa pelo uso do raciocínio. Como resultado, pudemos compreender que a distinção é feita entre sons particulares de um povo (ἕκαστα ἔθνη [...] ἰδίως τὸν ἀέρα ἐκπέμπειν), antes de um tratamento desses sons pelo raciocínio, e linguagem comum de um povo (κοινῶς καθ' ἕκαστα ἔθνη), após um tratamento realizado pelo raciocínio (BRUNSCHWIG, p.26).

1.2 – A ORIGEM DA LINGUAGEM, PROBLEMÁTICAS E CONCLUSÕES

Nesse ponto, é necessário expormos um importante debate que envolve nossa compreensão do texto. Embora não tenhamos aqui como uma das pretensões desta escrita a elaboração exaustiva da temática em seus pormenores, entendemos que de certa maneira devemos lidar com as opções de interpretação e tradução do texto grego que aqui neste trabalho assumimos e, por conseguinte, também com as repercussões dessa mesma escolha.

Logo, o intuito da breve exposição que se seguirá é reafirmar nosso posicionamento acerca de um debate que envolve a interpretação do trecho que estudamos de Epicuro. Isso por entendemos ser importante esclarecermos nossa escolha intencional e nossa motivação, que nos levou a elaborar um método próprio para a leitura e interpretação do texto. Por outro lado, então, a apresentação da problemática vem a justificar, de maneira tardia, mas a necessária, a elaboração dessa mesma estratégia de resolução aplicada, pela qual assumimos certo viés interpretativo para o texto.

O tema da *linguagem privada* é aceito como uma possibilidade dentre as interpretações de grande parte dos trechos do texto de Epicuro sobre a origem da linguagem. A correspondência entre experiências particulares e os sons para os seres humanos nessa fase primitiva, para alguns, significaria uma vivência experiencial privada e, em decorrência dela, uma construção também privada da linguagem. Dessa maneira, a função comunicativa da linguagem, para alguns intérpretes, é uma propriedade adquirida apenas após a transição da linguagem para quando se tornaria por convenção.

Mais especificamente, a correspondência que indicaria para alguns intérpretes uma experiência privada estaria na suposta manifestação desse sentido presente na afirmação de que homens “[...] experimentando afecções particulares e recebendo imagens particulares [...] [imprimem nos sons] uma configuração particular, sob o efeito de cada uma dessas afecções e imagens”. Compreendendo e traduzindo a repetição da palavra ‘particular’ por ‘privada’, o excerto descreveria uma experiência privada. E, já por vias dessa informação presente no texto, em razão dessa interpretação se construiria o argumento de que a comunicação não é uma das propriedades essenciais da linguagem, mas que estas seriam: a organização das experiências e dos pensamentos (BRUNDSCHWIG, p.21).

Embora assumamos outro viés interpretativo para a tradução e o entendimento dos parágrafos que trabalhamos, pensamos que isso não nos livra de algumas importantes

questões que, a nosso ver, ainda permanecem. Sob uma análise cuidadosa e ainda se pensando a questão da *linguagem privada* em relação ao todo da teoria epicurista, não é por acaso que a ideia de uma experiência privada nos alcance, uma vez que ela está presente no cerne da epistemologia Epicurista, como se poderá notar mais à frente, em nossa exposição sobre a epistemologia do autor. Dessa maneira, julgamos que a temática não seja simplesmente eliminada do pensamento epicurista, por não estar presente nesse ponto em específico da interpretação do texto do autor. Todavia, como já foi dito, não nos interessamos aqui, especialmente nesse momento, em resolver e encaminhar todas as questões envolvidas no texto, mas em seguir com um percurso específico que permitirá o encadeamento da discussão, tal como foi apresentado na introdução.

Assim sendo, após essa primeira análise, diversas outras questões emergem, e permanecerão. Por um lado, poderíamos nos aprofundar na relação entre *Natureza* e *raciocínio*. Pela disposição dos argumentos e pela primeira enunciação do primeiro parágrafo, o redobramento da *Natureza* sobre si mesma se encadearia na ocorrência de um novo processo como aquele do raciocínio? Se todos os processos humanos estiverem englobados em processos naturais, o que isso significaria para a formação da cultura e, por conseguinte, o que isso faria do dualismo *natureza-cultura* ou *natureza-civilização*?

Além disso, poderíamos nos aprofundar no resultado de uma transição bem menos óbvia que aquela de uma *Natureza* em geral para uma *natureza humana*, no caso da primeira análise que fizemos. Em nossa segunda análise, a transição do *raciocínio* atuante, no primeiro trecho, para os *grupos humanos* que atuam, no segundo, nos respectivos argumentos e que caminham em paralelo na discussão sobre uma especialização nos processos naturais da linguagem, faz entender tratar-se, no segundo caso de um raciocínio compartilhado, de um exercício deliberativo em grupo. E isso não pressuporia implicitamente a existência de uma

linguagem privada, por vias de um raciocínio privado sobre a própria emissão de sons¹⁰, uma vez que uma transformação da linguagem já seria possível pelo exercício do raciocínio no âmbito privado? O que isso nos faria supor, então, novamente, pela mesma lógica que seguimos na exposição acerca da linguagem privada, sobre as propriedades essenciais da linguagem, uma vez que novamente delas estaria excluída a função comunicativa¹¹?

Contudo o que é foco para nós no estudo que atravessamos é a relação apontada entre a origem da linguagem e o ambiente do grupo humano que ali habitava, como fator produtor daquela linguagem. Entendemos que aí já teríamos uma origem da linguagem na própria constituição psicológica dos grupos humanos decorrente de fatores próprios do espaço que habitavam, do mesmo modo que teríamos aí, de forma análoga, aspectos da constituição fisiológica desses mesmos grupos humanos e tudo o que mais poderia decorrer desses aspectos, em uma cadeia de ocorrência e reverberações.

O paralelo à teoria da constituição psíquica descrita por Epicuro, que bem representa essa fisiologia que se constituiria de maneira análoga são as teorias a respeito do conjunto de fatores ambientais, tais como descritos por Hipócrates em sua obra de geografia médica, *Sobre os ares, águas e regiões*¹². Da mesma maneira que os fatores geográficos descritos por

¹⁰ Essa última é a problemática central abordada por Brunschwig em seu artigo, *Epicurus And The Problem Of Private Language*, no qual ele expõe os posicionamentos de interpretes a esse respeito do assunto e aponta uma interessante interpretação para o trecho em relação ao mesmo tema.

¹¹ [concerning] the assembling of essential and accessory properties [...] if it were claimed that Epicurus' linguistic archaeology makes room for a primitive phase of 'private language', it would be necessary to declare that, for him, to be a means of communication is not a part of the essence of language; [...]. (BRUNSCHWIG, p.22)

¹² “Whoever wishes to investigate medicine properly, should proceed thus: in the first place to consider the seasons of the year, and what effects each of them produces for they are not at all alike, but differ much from themselves in regard to their changes. Then the winds, the hot and the cold, especially such as are common to all countries, and then such as are peculiar to each locality. We must also consider the qualities of the waters, for as they differ from one another in taste and weight, so also do they differ much in their qualities. In the same manner, when one comes into a city to which he is a stranger, he ought to consider its situation, how it lies as to the winds and the rising of the sun; for its influence is not the same whether it lies to the north or the south, to the rising or to the setting sun. These things one ought to consider most attentively, and concerning the waters which the inhabitants use, whether they be marshy and soft, or hard, and running from elevated and rocky situations, and then if saltish and unfit for cooking; and the ground, whether it be naked and deficient in water, or wooded and well watered, and whether it lies in a hollow, confined situation, or is elevated and cold; and the mode in which the inhabitants live, and what are their pursuits, whether they are fond of drinking and eating to excess,

Hipócrates seriam as condições para a formação da saúde e da fisiologia como um todo, fatores semelhantes seriam aqueles que determinariam as condições para a formação da psique e, por conseguinte, para a estruturação da linguagem e das outras produções naturais do homem¹³, tais como a cultura.

and given to indolence, or are fond of exercise and labor, and not given to excess in eating and drinking.” (HIPPOCRATES, p.9)

¹³ “[...] language. [...] it can be representative of all the others [other of men's natural productions], because they are all conditioned by it.” (BRUNSCHWIG, p.24)

2- LINGUAGEM E EPISTEMOLOGIA: O TESTE DA LINGUAGEM PELA EXPERIÊNCIA

No capítulo anterior, nos debruçamos sobre uma exposição de Epicuro acerca da linguagem, que se tratava, mais especificamente, de um estudo sobre a sua origem. O nosso objetivo foi buscar as propriedades essenciais e a dinâmica de funcionamento da linguagem, na medida em que o estudo da história de um fenômeno é também a análise dele enquanto conceito (BRUNSCHWIG, p.22). Seguiremos com o mesmo propósito analisando outro trecho dos escritos do filósofo em sua *Carta a Heródoto*. Contudo, em um primeiro momento pusemos a exame uma exposição de Epicuro que descreve algo sobre a linguagem. Agora, neste segundo momento, transitaremos entre o descritivo e prescritivo nos escritos do autor acerca da linguagem.

O que Epicuro prescreve para a linguagem, em prol de seu bom uso e principalmente para a garantia de um discurso filosófico bem fundamentado, tem como principal objetivo, para além de um enfoque na transmissão, garantir que os dizeres reflitam um conhecimento que é obtido com clareza. Buscaremos, primeiramente, encontrar informações úteis que descrevam o funcionamento dessa linguagem, mas isso não se distingue totalmente do conteúdo do autor que aponta para seu bom funcionamento, que assegura o significado para o discurso da filosofia, em vista da verificação do conteúdo que transmite. O aspecto prescritivo, então, se mescla ao nosso estudo descritivo da linguagem em Epicuro, atribuindo assim um valor para a capacidade comunicativa da linguagem. Esperamos fazer notar pela progressão deste estudo que, para o filósofo, as duas partes estão intimamente relacionadas de maneira que a descrição do mecanismo de funcionamento da linguagem viria a justificar a prescrição do autor para o uso adequado dela.

Analisaremos o trecho a seguir, presente no início da mesma obra que contém a síntese da filosofia de Epicuro sobre a *Natureza*, a Física epicurista, mesmo material donde

retiramos o extrato analisado no primeiro capítulo. O fragmento abaixo é parte do início da *Carta a Heródoto*:

“Em primeiro lugar, Heródoto, você deve compreender as coisas denotadas pelas expressões, de modo que, a partir dessa referência, tenhamos condição de pôr a teste opiniões, indagações ou problemas, para que nossas evidências não sigam sem serem testadas *ad infinitum*, nem os termos que usamos sejam vazios de significado. Pois o significado primário de cada palavra empregada deve ser visto claramente e não precisar de comprovação; isto sendo necessário para que tenhamos algo a que o ponto em questão ou o problema ou a opinião diante de nós possa ser referido.¹⁴” (D.L.X.37-38)

Faz-se notar, antes de tudo, como o texto tem, sim, um teor prescritivo e como por ele o filósofo expressa uma clara preocupação com um trato da linguagem: com um sentido das palavras que possa ser identificado “claramente” e com a possibilidade de se verificar também as questões elas mesmas. Mas, para nós, neste momento, os trechos que mais nos importam das linhas apresentadas são os seguintes: “[...] você deve compreender as coisas denotadas pelas expressões [...] e [...] o significado primário de cada palavra empregada deve ser visto claramente e não precisar de comprovação [...]”. Nessa curta passagem, essas duas afirmações conectam entre si ideias essenciais que buscaremos explorar. Analisemos, então, os dois extratos.

Uma palavra que se repete nas duas orações é o termo traduzido por ‘palavra’, em grego ‘*φθόγγον*’. O sentido próprio do termo se refere aos sons articulados, à língua falada, aos dizeres. Portanto, a relação é feita entre o som e o que mais esteja por vir em cada uma das orações. Em uma das orações tem-se que as coisas se submetem (*ὑποτασσω*) aos sons, ou são denotadas pelos sons, como optamos por traduzir. Enquanto na outra, o autor especifica que a ideia (*έννοος*), termo traduzido por nós como ‘significado’, dos sons (*φθόγγον*) deva ser

¹⁴“Πρῶτον μὲν οὖν τὰ ὑποτεταγμένα τοῖς φθόγγοις, ὧς Ἡρόδοτε, δεῖ εἰληφέναι, ὅπως ἂν τὰ δοξαζόμενα ἢ ζητούμενα ἢ ἀπορούμενα ἔχωμεν εἰς ταῦτα ἀνάγοντες ἐπικρίνειν, καὶ μὴ ἄκριτα πάντα ἡμῖν <ἴη>[*] εἰς ἄπειρον ἀποδεικνύουσιν ἢ κενοὺς φθόγγους ἔχωμεν./ἀνάγκη γὰρ τὸ πρῶτον ἐννόημα καθ’ ἕκαστον φθόγγον βλέπεσθαι καὶ μὴθ ἐν ἀποδείξεως προσδεῖσθαι, εἴπερ ἔξομεν τὸ ζητούμενον ἢ ἀπορούμενον καὶ δοξαζόμενον ἐφ’ ὃ ἀνάξομεν.” (D.L.X.37-38)

vista (βλέπω), mas não qualquer ideia, a primeira ideia (*πρῶτον ἐννόημα*). A ideia, *ἐννοος*, evoca um vocabulário fundamental para a filosofia: *νοος*, conteúdo mental, o pensamento ou a memória. Daí, correlacionando o entendimento dos dois períodos, teríamos que as coisas se submetem aos sons por meio de uma ideia, mais precisamente uma memória, como ficará claro mais à frente, e essa memória, por sua vez é imagética, pois pode ser visualizada.

Dessa maneira, podemos perceber que nesse primeiro momento Epicuro se refere a coisas concretas, quando se refere àquelas “coisas denotadas pelas expressões”. Isso porque a elas é possível fazer uma associação visual por intermédio da memória. Por outro lado, para haver um registro visual na memória é necessário que se tenha apreendido pela experiência tais imagens a que se possa remeter. Portanto esse tipo de remissão pressupõe uma apreensão pelos sentidos, e especificamente pelo sentido da visão, uma vez que tal remissão se refira a conteúdos imagéticos.

Uma aproximação entre o conteúdo do capítulo anterior e esse que aqui examinamos, pode ser feita relembrando a maneira de aquisição natural da linguagem. Naquele primeiro momento, as palavras tinham uma relação íntima com os objetos percebidos. Os estímulos sensoriais provocavam, pela natureza dos instintos, a produção de sons. Aqui, pelo caminho inverso, as palavras trazem pela memória as imagens dos objetos, elas que são evocadas pelas palavras que as nomeiam.

O já comentado sentido prescritivo desse excerto, a partir do que é dito na primeira frase desse excerto como um todo, parece funcionar por um lado como uma regra para o receptor do conteúdo linguístico, o que também opera como contraponto para o leitor a respeito de outros escritos menos claros: “você deve compreender as coisas denotadas pelas palavras, de modo que, a partir dessa referência, tenhamos condição de pôr a teste opiniões”. Por outro lado, sobretudo para a compreensão das últimas palavras, temos algo de prescritivo também no detalhamento dos critérios utilizados pelo autor para a escolha da linguagem,

juntamente com uma exposição do funcionamento da linguagem que justificaria esse uso: a maneira pela qual se deve entender cada palavra empregada por mim é seguindo seu sentido mais óbvio e que claramente pode ser reconhecido pela experiência.

Um segundo ponto de suma importância nos trechos que deve ser elucidado é o sentido daquilo que foi referido como “primeiro significado”. Na segunda das duas orações, o *primeiro significado*, ou a *primeira ideia*, da *expressão* se refere a um conteúdo mental específico ao qual se conecta cada expressão, esses sons articulados. Já a declaração de que essa *primeira ideia* deve ser vista, pressupõe que a imagem a que se refere a *expressão* deve já ter sido vista e, o dever ser vista, nesse contexto, se refere a um ato de recuperação da memória ou remissão à memória. Por esse *primeiro significado* o sentido canônico da palavra é associado à experiência pessoal, como iremos ver mais detalhadamente à frente (LONG, p.125). O termo próprio para o que Epicuro se refere com o *primeiro significado* ou a *primeira ideia* (*πρῶτον ἐννόημα*) é *πρόληψις* (LONG, p.124), noção essa que buscaremos entender em seguida.

Enfim, o que foi ainda detalhado sobre não se precisar de comprovação, serve ainda para reiterar ambos os sentidos de ‘primeiro’ e o de ‘clareza’ como maneiras de atestar o sentido, mas também de verificar a existência de algo. Tudo isso é um pressuposto para o uso da linguagem, para termos um conteúdo experiencial que a estabeleça e, então, um conteúdo que nos ampare no julgarmos as questões (SEDLEY, 1973, p.20).

Agora, para melhor entendermos o processo que acabamos de examinar, devemos buscar outras noções ligadas ao entendimento e compreensão da linguagem presentes na filosofia de Epicuro. Todavia, o recorte sobre o qual nos debruçaremos não se encontra no mesmo texto do filósofo de onde retiramos os últimos, nem são estas palavras do próprio autor, mas comentários sobre sua filosofia feitos por Diógenes Laercio:

“Não deveríamos dar nome a nada, se não tivéssemos aprendido primeiro sua forma por meio de um preconceito”. (D.L.X.33)

“Por preconceito eles querem dizer uma espécie de apreensão ou uma opinião ou noção correta, ou uma ideia universal armazenada na mente; isto é, uma lembrança de um objeto externo frequentemente apresentado, por exemplo: Tal e tal coisa é um homem: pois tão logo a palavra “homem” é pronunciada, pensamos em sua forma por um ato de preconceito, no qual os sentidos assumem a liderança”. (D.L.X.33)

O termo central desta análise, e que se relaciona com todo o estudo deste capítulo é a noção traduzida por *preconceito*, em grego *πρόληψις*. A tradução escolhida por vezes para o termo é ‘*preconcepção*’, ‘*prenoção*’ ou até mesmo ‘*representação*’, e seu significado, bem resumidamente, é o de uma noção mental de algo (SILVA, p.94). Seguindo a explicação de Diógenes Laercio, o *preconceito* seria uma apreensão, logo pressupõem um entendimento prévio que serviria para a elaboração de um modelo.

A importância da noção pode ser vista na primeira oração do comentário de Diógenes Laercio: o *preconceito* ou a *prenoção* devem ser condição para a nomeação; e aí está a conexão entre este conceito e a linguagem. Para o que trabalhamos até agora neste capítulo, isso significa que para a compreensão do sentido da palavra, mesmo uma coisa concreta para a qual tenhamos uma imagem mental, dependemos de um preconceito de o quê essa coisa seja. O entendimento de uma palavra que nomeie algo depende de uma compreensão sobre esse algo para que a palavra possa se referir a esse conteúdo de realidade, a exemplo de uma imagem mental, conteúdo de memória de uma imagem outrora captada pelo sentido da visão, para o caso de coisas concretas (ALEVIZOS, p.9).

No caso da primeira parte de nosso estudo neste capítulo, então, a noção de *preconceito* estaria implicada para que se entenda uma palavra em seu “*primeiro significado*”. O sentido mais óbvio de uma palavra, logo, perpassa a compreensão da coisa referida para que venha à mente sua imagem clara. Um tipo de entendimento, uma lembrança de algo familiar, tudo isso pode ser fundamento para o *preconceito*. Então, uma imagem sem um modo de entendimento da coisa a que ela se refere não funciona como termo de referência

para a remissão da memória por uma expressão da linguagem. Posto de outra maneira, fora de uma situação de uso da linguagem, deve-se conhecer de alguma maneira o que é algo para que se reconheça sua imagem e se possa associar aquela imagem ao entendimento do que aquilo é (LONG, p.119). Por outro lado, se nomeia aquilo que se entenda, por vias da experiência (LONG, p.120). E, assim, não se trata da verificação de um sentido atestado sobre um *universal*, mas antes se trata de uma verificação de conteúdo de realidade sempre refeita pelo interlocutor de maneira particular.

Sobre o modo de operação do *preconceito*, para que essa forma de entendimento participe do processo de apreensão do significado, podemos melhor compreendê-lo a partir de algumas informações que Epicuro acrescenta na mesma *Carta a Heródoto* sobre o entendimento em geral. Começemos pelo excerto a seguir: “A repetição da expressão de tudo o que [aqui] lembramos fornece um tipo adequado para concepções das coisas naturais¹⁵” (D.L.X.45). O contexto desses dizeres é o de uma explicação do filósofo sobre o funcionamento da matéria a partir dos átomos. Em parte da discussão a respeito desse exemplo não iremos nos aprofundar, pois obviamente nesse exemplo não podemos conhecer a coisa apresentada pela *expressão* a partir de sua imagem recebida pelos sentidos. Contudo, a frase vem em seguida da explicação sobre esse aspecto fundamental da física de Epicuro, como um metatexto, e exprime o valor da própria explicação para a construção de uma ideia sobre o referido assunto.

Por hora nos ateremos a um ponto interessante dessa oração sobre a descrição de como se dá essa relação de aprendizagem com os dizeres do filósofo: a explicação e repetição do termo, *átomo*, fornece um “tipo” adequado. A ideia de tipificação faz entender que o *preconceito* não é simplesmente um exemplo correlato a uma imagem, ou nesse caso a uma ideia, sobre o que veremos mais à frente, mas que, a partir da relação entre ideia e

¹⁵ "Ἡ τοσαύτη δὴ φωνὴ τούτων πάντων μνημονευομένων τὸν ἰκανὸν τύπον ὑποβάλλει <ταῖς περι> τῆς τῶν ὄντων φύσεως ἐπινοίας." (D.L.X45)

preconceito, realmente se monta um modelo, um tipo (*τύπος*). Para a compreensão de algo captado pelo órgão sensorial da visão, por exemplo, o *preconceito* não corresponde a um único objeto de mundo, necessariamente, mas participa da superposição entre algo que se tenha visto claramente e outra visão igualmente clara (LONG, p.119), o que explicita bem a participação da *πρόληψις* para se significar o que é captado pelo sentido da visão e a tipificação para que haja um processo de identificação por correspondência para o entendimento.

Sobre as terminologias utilizadas por Epicuro, para além desse período trabalhado, no interior de sua filosofia da linguagem há ainda vocabulários que são mencionados por outros dois autores. Plutarco e Sexto Empírico escrevem sobre duas terminologias do filósofo que designam noções específicas em sua teoria do significado. A primeira, reafirmando um dos vocabulários já apresentados é *φωναί*, para designar as expressões. A segunda terminologia empregada pelo filósofo é *τυγχάνοντα*, utilizada para se referir àquilo que é designado, objetos reais, “tal como o homem Dion” (LONG, p.120-121). Então temos as expressões, o falar ou o designar e o designado, ou nomeado.

Para avançarmos ainda um passo em nosso estudo, devemos expandir sobre os processos de entendimento identificados por Epicuro. Para isso, dispomos de outro trecho dos escritos de Epicuro também da referida *Carta a Heródoto*:

“Em seguida, devemos ater-nos exclusivamente às nossas sensações, isto é, simplesmente às impressões atuais, quer da mente, quer de qualquer critério, e da mesma forma aos nossas afecções reais, a fim de que possamos ter os meios de determinar o que precisa de confirmação e aquilo que é obscuro¹⁶.” (D.L.X.38)

¹⁶“Ἐτι τε τὰς αἰσθήσεις δεῖ πάντως τηρεῖν καὶ ἀπλῶς τὰς παρούσας ἐπιβολὰς εἴτε διανοίας εἶθ’ ὅτου δήποτε τῶν κριτηρίων, ὁμοίως δὲ καὶ τὰ ὑπάρχοντα παθη, ὅπως ἂν καὶ τὸ προσμένον καὶ τὸ ἄδηλον ἔχωμεν οἷς σημειωσόμεθα.” (D.L.X.38)

O extrato apresentado tem como tema central o processo de entendimento. Mas o que destacamos desse extrato são os diferentes tipos de sensação (*αἴσθησις*) especificados no texto. Invariavelmente a verificação de um termo remete ao preconceito (*πρόληψις*), como se buscou apontar, contudo, tal como foi até agora avaliado, nos focamos no processo imagético, portanto em coisas concretas. Mas, se observarmos os modos das sensações descritos pelo filósofo, para além do que foi traduzido por impressões, temos as “afecções reais”. *παθη*, que se refere de forma mais abrangente a sensações internas, é uma forma para a conceituação de algo abstrato, mas ainda pertencente ao conjunto das sensações. Outro excerto já estudado por nós, que remete à afecção e espelha essa relação entre linguagem e sensações é aquele analisado no primeiro capítulo: “experimentando afecções particulares (*ἴδια πασχούσας πάθη*) e recebendo imagens particulares, expellem o ar, imprimindo-lhe uma configuração particular, sob o efeito de cada uma dessas afecções e imagens” (D.L.X.75-76).

Como sensações internas, Epicuro classificaria uma dor de cabeça, bem como uma coceira, queimadura ou a sensação de satisfação de um estômago cheio (LONG, p.116). A afirmação da existência de tais sensações não é diferente daquela de percepções advindas dos órgãos sensoriais, ou seja, ambos os fatos, enquanto tais, não são questionados. Todavia, nada disso concerne os julgamentos de veracidade e falsidade, mas meramente os confirma em suas existências como fatos da experiência. Para que se tenha a *πρόληψις* de algo, é necessário que se lembre, portanto por um exercício da memória, desse algo obtido por meio dos sentidos ou obtido pelas sensações internas (LONG, p.119). Os sentidos e sensações internas são então também conteúdo de informação que obtemos pela experiência.

Seguindo nesse último percurso já iniciado por nós, o de buscar na filosofia da linguagem de Epicuro a possibilidade de se expressar ideias abstratas, temos na sequência do

último trecho aqui apresentado a seguinte frase: “Quando isso for claramente entendido, é hora de observarmos de maneira geral coisas que são obscuras¹⁷” (D.L.X.38).

“Observar coisas obscuras”, ou ainda, “ver as coisas invisíveis” (συνορᾶν ἤδη περὶ τῶν ἀδήλων) é o que Epicuro nos diz logo antes de introduzir sua física, especificamente tratando sua atomística. Nesse ponto, ele nos apresenta uma intencional contradição, na medida em que, em relação ao trecho anterior, serão nomeadas coisas que não poderão ser confirmadas pelas imagens correspondentes advindas da experiência dos sentidos nem pelas sensações internas. Contudo, apesar da teoria da significação em torno da imagem (περὶ εἰδώλων) e também das afecções terem sido mostradas como possíveis fontes de verificação para o conhecimento, o autor nos apresenta uma nova possibilidade com o tema que haverá de introduzir.

Em outras palavras, o paradoxo ‘ver o invisível’ remete à teoria de um *primeiro entendimento* (πρόληψις) como processo que acompanharia dados obtidos por vias sensoriais, especialmente aquela da visão, para a compreensão da palavra. Mas, por uma elaboração a respeito do átomo, o autor demonstra, primeiramente, como se deve proceder a nomeação de coisas abstratas. Antes de uma explicação sobre o funcionamento da nomeação de coisas abstratas ou invisíveis, uma que lhe garanta a validade para o conhecimento, Epicuro nos traz a certeza de que, para o exercício de nomeação, a explicação do termo de maneira reiterada já serviu ao exercício da memória para que se relacione o nome à coisa, pelas palavras que já foram citadas anteriormente: “A repetição da expressão de tudo o que [aqui] lembramos fornece um tipo adequado para concepções das coisas naturais” (D.L.X.45).

Sobre o processo de verificação do conhecimento para o uso de uma *expressão* que nomeie e que não possa ser verificada pelas sensações, seja pela experiência dos sentidos ou de uma percepção interna, Epicuro nos aponta todas as possibilidades de verificação do

¹⁷ "Ταῦτα δεῖ διαλαβόντας συνορᾶν ἤδη περὶ τῶν ἀδήλων [...]" (D.L.X.38).

conhecimento em seus escritos. Para a obtenção de dados empíricos, de acordo com o filósofo, como para a obtenção de imagens que temos em nossas mentes (*φαντασίαι*), não fazemos uso apenas de nossos órgãos sensoriais (*αἰσθητήρια*), mas também de nosso intelecto (*διανοία*) (SEDLEY, p.24). ‘Contemplar com a mente’ (*διά λόγου θεωρεῖν*) é uma maneira de imaginar aquilo que não pode ser obtido pelos órgãos sensoriais, e é usado para a apresentação de coisas invisíveis, tais como os átomos na física epicurista (SEDLEY, p.26).

O intuito de Epicuro é fazer com que sua filosofia tenha uma transparência linguística e clareza também em razão da função didática de seu conteúdo para o leitor comum, que é grande parte do público que lhe importa. Provavelmente em função disso Epicuro não perca seu tempo elaborando sobre categorias lógicas. Contudo, o autor reconhece e faz uso delas em sua filosofia. Lógica e silogismos são validados pelo autor como instrumento da filosofia e são também utilizados pelo filósofo. Mas, além disso, operações mentais lógicas são parte da articulação do pensamento para o autor, o conceito de *razão empírica*, por exemplo, tendo uma importância central em sua filosofia. Também traduzido como *cálculo empírico*, *ἐπιλογισμός*, traz o significado de um raciocínio com base em dados empíricos (SEDLEY, p.27). A função desse tipo de cálculo mental é, por exemplo, distinguir entre características gerais e características ocasionais, para que o primeiro tipo possa ser utilizado para a aplicação de outra operação lógica: a *analogia* (*ἀναλογισμός*).

A *analogia* é, portanto, uma das operações que se utiliza do raciocínio com base nos dados empíricos para processar os dados obtidos pelos nossos órgãos sensoriais (*αἰσθητήρια*). Essa operação do raciocínio é a base para que sejam feitas especulações para aquelas coisas que não podem ser apreendidas pela percepção (SEDLEY, p.27). Temos então a definição do conceito no período abaixo, parte da obra *Sobre a Natureza* (*Περὶ Φύσις*), escrita pelo próprio Epicuro:

“deve-se confiar na] agudeza da percepção [para verificar noções] do tipo que se concebe com dificuldade ou obscuridade. Pois é a partir daquilo que é evidente para todos os homens que podem ser formadas opiniões sobre aquilo que aguarda uma prova fundamentada analogicamente.¹⁸” (Fr.11.col.1, livro 28, *Sobre a Natureza*)

O que se pode compreender do excerto tem relação direta com a noção de *preconceito* (*πρόληψις*). A *expressão* (*φωνή*) apresenta (*ὑποβάλλει*) o pensamento (*ἐπινοίαις*) sobre a natureza, sobre a qual se tem um entendimento com base na experiência do receptor, uma *πρόληψις* (ALEVIZOS, p.4). Ou, os escritos sobre os átomos¹⁹ nos servindo mais uma vez como exemplo para entendermos essa operação: quando encontramos em Epicuro uma explicação reiterada do termo, *átomo* (*ἄτομος*) nesse caso, de maneira minimamente detalhada, de maneira a familiarizar o leitor com a ideia daquela *expressão* (*φωνή*), as noções aí presentes são verificadas por um processo próprio da memória (*μνημονεύω*) que remete às experiências do receptor do discurso.

Por *analogia*, esse processo lógico, as noções aí presentes são verificadas frente os dados sensoriais obtidos pela percepção, com a imagem clara obtida pela experiência como principal fonte de fiabilidade. Assim se constrói por um novo processo da memória a relação entre o que se *contemplou com a mente* e as *expressões* do discurso epicurista sobre os *átomos*. Esse processo de familiarização faria possível a construção de uma nova *πρόληψις*. E esse se tornaria um mecanismo de verificação para acrescer à simples *expressão* sonora, para em um porvir, servir como informação catalogada de antemão (ALEVIZOS, p.19).

O importante sobre a articulação desse conjunto de operações para a verificação de uma ideia abstrata é que o critério experiencial que permite que um julgamento a respeito da realidade seja sempre feito pelo receptor permanece. “[...] κριτήρια τῆς ἀληθείας εἶναι τὰς αἰσθήσεις καὶ προλήψεις καὶ τὰ πάθη [...]”, nossas sensações e preconceitos e nossas percepções internas são nossos critérios para a verdade, nas palavras de Diógenes Laercio

¹⁸ A partir da tradução de Sedley (1973).

¹⁹ “A repetição da expressão de tudo o que [aqui] lembramos fornece um tipo adequado para concepções das coisas naturais” (D.L.X.45).

sobre Epicuro²⁰. Quando um conceito abstrato é *expresso*, ele deve igualmente permitir que as *sensações* confirmem sua existência, e o que permite a confirmação pelos *órgãos sensoriais* é uma operação racional por *analogia*. Para concluirmos com exemplos, os homens têm *πρόληψις* dos deuses, como bem afirmava Cícero, em sua obra que trata da natureza dos deuses (DND. I 43-5). e “[...] o termo *πρόληψις*, ele próprio, é estendido por Epicuro para o conceito de justiça [...]” (K.D. XXXVIII²¹).

²⁰ D.L.X.31.

²¹ K.D. = Κυρία Δόξα, as principais doutrinas de Epicuro, registradas ao fim do livro X da Vida dos Filósofos, sobre Epicuro, de Diógenes Laércio.

CONCLUSÃO

Como pudemos perceber, no estudo feito no primeiro capítulo de nosso trabalho, para entendermos o funcionamento da linguagem seguimos o percurso de produção da mesma à existência. Pela própria natureza dos acontecimentos descritos sobre o surgimento da linguagem, tal percurso confere ao estudo um direcionamento que parte de uma exposição dos fatos da experiência humana, de um conjunto de *sensações* e estímulos que são produzidos no ser humano por sua existência no mundo. Dessa maneira, por esse processo, que é da esfera do conhecimento, alcançamos o que vem como puro reflexo dessa apreensão de si e do mundo no mundo, que é a produção da linguagem.

No segundo capítulo, o caminho percorrido pelo estudo, agora guiado pela intenção e pelas propostas de Epicuro para uma linguagem a seu modo e seguindo sua construção de uma crítica da linguagem, toma a direção oposta. Quando trilhamos o caminho para a construção de uma linguagem adequada, liderados por Epicuro, partimos das nomeações e denominações, mas somente daquelas apropriadas para que nos faça chegar à esfera do conhecimento. O caminho oposto proposto por Epicuro para a construção de uma linguagem apropriada para a filosofia, por conseguinte, busca recuperar o que para o autor são os fundamentos da linguagem: uma expressão preta de significado e conteúdo que a sustenta enquanto tal.

Da mesma maneira que na origem da linguagem não havia sem estímulo que lhe tenha provocado, que nesse segundo momento não haja, para a construção de denominações significativas, linguagem que não possa remeter ao estímulo que lhe tenha provocado. A própria vereda atravessada para a criação da linguagem, agora é percurso para um modo de verificação da condição de existência de uma mesma palavra, condição tal que, caso verificada e atendida, promove um reencontro entre a palavra e aquilo que outrora lhe

provocara. Esse raciocínio na verdade é bastante simples, seguindo-se por um percurso originário, aquele do princípio da linguagem, em uma direção do percurso, tem-se que um estímulo provoca uma *expressão*, mas, fazendo-se a direção oposta do percurso, em busca de se reconstruir o significado de uma palavra, tem-se uma denominação que se mostra adequada quando evoca o estímulo que a provocara, em contrapartida.

Fossemos expandir esse raciocínio, o que se pretende fazer em um trabalho mais pormenorizado e aprofundando em pontos da filosofia da linguagem de Epicuro que ainda não foram aqui abordados, poderíamos buscar nas relações entre os dois estudos, aqui divididos em capítulos, informações sobre ainda outra área da filosofia do autor. Se conectado o raciocínio já feito com o próprio fim da filosofia epicurista, sendo este que a filosofia tenha um caráter de fundamentação prática para a vida, e considerando-se que para exercer tal função uma teoria da transmissão e do ensino, portanto uma pedagogia e um tipo de metodologia didática, deve ser parte da mesma filosofia, a escolha das palavras para o discurso é condição para a dimensão prática dela.

Tendo isso em mente, como vimos no primeiro capítulo, sobre a origem da linguagem: “[as] naturezas dos homens [...] expõem o ar, imprimindo-lhe uma configuração particular [...], conforme a diferença que também pode surgir entre diferentes povos em função dos locais onde vivem” (D.L.X-75). E como especificamos ao fim do primeiro capítulo, com essas palavras Epicuro introduz uma relação entre o arcabouço psicológico do ser humano e a linguagem por ele constituída. Repetindo o movimento feito ao fim do primeiro capítulo, aquele de observarmos o processo inverso feito por Epicuro para construir sua linguagem para a filosofia, caminha-se, então, da linguagem para a bagagem cognitiva do ser humano para se construir a linguagem filosófica. Consideremos ainda essa citação, parte dos comentários de Diógenes Laercio: “Os termos que ele [Epicuro] usava para designar as

coisas eram termos comuns, e Aristófanes, o gramático, atribui-lhe um estilo muito característico” (D.L.X-13).

A partir dessas informações, nos chega a conhecimento a escolha para a linguagem e o estilo da escrita de Epicuro, a partir de várias perspectivas, que revelam desde um modo de escrita próprio até um objetivo epistemológico na escolha das palavras e que passa por uma justificativa psicológica para a escolha das palavras. Sua filosofia, por um lado, é escrita na forma da língua comum, por outro, ainda essa prática encontra congruência em todas suas reflexões no que se refere à linguagem, na medida em que uma linguagem que remeta à experiência comum é adequada e não precisa de provas. A correspondência entre o uso da linguagem comum por Epicuro e a descrição de um aporte cognitivo a que se possa remeter pela linguagem, com um pleno e sólido assento sobre a experiência se presta, sim, à validação de cada denominação.

Mas, havendo sido assim apresentada a situação geral de uso da linguagem pelo filósofo, a referência das palavras, para que sejam plenas de sentido para o ouvinte, não devem corresponder ao conjunto de referências dentro do mundo e das possibilidades experienciais do ouvinte? Logo, as denominações não devem ser alteradas de acordo com as possibilidades experienciais descritas pela geografia e cultura local, para que se possa corresponder tanto às coisas concretas percebidas no espaço pelo sentido da visão, quanto às coisas abstratas às quais se alcançou por algum tipo de analogia?

Dessa maneira, sua escrita não comporia também uma poderosa ferramenta pedagógica nascida a partir já desde o seio da concepção de sua teoria da linguagem por construir o discurso pressupondo todo esse mecanismo psicológico? E, igualmente, talvez o autor não pudesse levar esse mecanismo com função e fim didáticos a extremos da representação da realidade, a ponto de replicar em sua linguagem e em suas terminologias

figuras e modelos complexos de representação da natureza e das relações humanas, tais como os deuses?

BIBLIOGRAFIA

1. Autores antigos

ARISTÓTELES. *De anima*. Translation: J.A. Stocks. In: Great Books of the Western World, v.8. 19ª ed. University of Chicago: Encyclopaedia Britannica, 1971.

ARISTÓTELES. *De Interpretatione*. Translation: E. M. Edghill. In: Great Books of the Western World, v.8. 19ª ed. University of Chicago: Encyclopaedia Britannica, 1971.

DIÓGENES LAÉRTIO. *Book X, Epicurus*. In: Lives of Eminent Philosophers, v.2. Translation: R.D.Hicks, M.A. London: The Loeb Classical Library, 1925.

HIPÓCRATES. *On Air, Waters, and Places*. Translation: Francis Adams. In: Great Books of the Western World, v.10. 19ª ed. University of Chicago: Encyclopaedia Britannica, 1971.

PLATÃO. *Cratylus*. Translation: Benjamin Jowett. In: Great Books of the Western World, v.7. 19ª ed. University of Chicago: Encyclopaedia Britannica, 1971.

2. Catálogos, Dicionários e Prosopografias

BAILLY, Anatole. *Le Grand Bailly, dictionnaire grec-français*. 4ª Edição: Hachette, 2000.

SILVA, Markus Figueira da. *Termos filosóficos de Epicuro*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018.

3. Referências bibliográficas

ALEVIZOS, Konstaninos. *Epicure et sa théorie linguistique dans les Vies de Laërce*. In: <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-03240550>, 2021.

BRUNSCHWIG, Jacques. *Epicurus and the problem of the private language*. Translation: Janet Lloyd. In: Papers in Hellenistic Philosophy, p.21-38. Cambridge: Press Syndicate of the University of Cambridge, Digital Printing, 2003.

CHRITI, Maria. *The Neoplatonic commentators of Aristotle on the origins of language: a new "Tower of Babel"*. In: Aristotle and his commentators, p.95-106. Berlin: The Gruyter, 2019.

HOLANDA, Luísa Buarque de. *Protágoras e Heráclito no Crátilo Platônico*. In: Hypnos, número 28, 1º semestre 2012, p. 157-164. São Paulo: Hypnos, 2012.

LONG, A.A. *Aisthesis, Prolepsis and linguistic theory in Epicurus*. In: Bulletin of the Institute of Classical Studies, No. 18, p.114-133. Oxford: Oxford University Press, 1971.

MEHL, David. *The intricate translation of the epicurean doctrine of ΨΥΧΗ in book 3 of Lucretius*. In: *Philologus*, v.143-2, p.272-287. Berlin: The Gruyter, 1999.

SEDLEY, David. *Epicurus, On Nature, book 28*. In: *Cronache Ercolanesi*, v. 3, p. 5-83. Napoli: Gaetano Macchiaroli Editore, 1973.

SEDLEY, David. *Lucretius' use and avoidance of greek*. In: *Proceedings of the British Academy*, v. 93, p. 227-246. London: British Academy, 1999.

SHAW, Michael H. *The ἦθος of Theseus in 'The Suppliant Women'*. In: *Hermes*, v.110-1, p.3-19. Stuttgart: Franz Steiner Verlag Publisher, 1982.

VERLINSKY, Alexander. *Epicurus and his predecessors on the origin of language*. In: *Language and learning: philosophy of language in the Hellenistic Age*, p. 56-100. Cambridge University Press, 2005.